

# PROCESSO DE ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CRIANÇA DIANTE DO AMBIENTE NOVO

Emanuela Luzia Alves **GOMES**<sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup> Esp. Isabella **NATAL**

## RESUMO

Este trabalho tem como finalidade investigar o processo de adaptação na educação infantil, buscando entendê-lo no contexto da atividade pedagógica, para que se possa gerar mais segurança e tranquilidade aos envolvidos no processo de adaptação da criança. Assim, buscase contribuir para alterar a visão que muitos têm da adaptação como algo assustador e negativo na vida da criança. A pesquisa procurará compreender as reações mais comuns da criança no processo de adaptação escolar, qual o tempo de duração e quais os fatores que mais interferem na adaptação com um novo ambiente. O estudo apresenta alguns critérios para levar em consideração o ambiente escolar, a interação do ambiente em relação com os pais, o nível socioeconômico e emocional, a estrutura do estabelecimento de ensino e como isso tudo será abordado dentro da adaptação escolar.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação infantil; Adaptação escolar; Pedagogia.

### 1. Introdução

Nota-se que, com passar do tempo, o índice de mulheres que estão entrando no mundo do trabalho tem aumentado e, por esta razão, precisam buscar opções como creches, pré-escolas, para deixar seu filho.

Quando se fala em creches, entende-se pelo espaço de cuidado, especialmente para as famílias de baixa renda, que são justamente aquelas cujos filhos precisam de um lugar para ficar, pois a mãe precisa trabalhar. Porém, com o passar do tempo, a procura por instituições foi crescendo independentemente da classe social. Com isso, até mesmo mães que não trabalham fora buscam colocar seus filhos em um espaço de socialização para eles, assim a

---

<sup>1</sup> Graduanda de Pedagogia. FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré – SP – Brasil  
– emanuelagomes2098@gmail.com

creche deixou de ser um espaço somente de cuidado e passou a atuar pedagogicamente, para o melhor desenvolvimento da criança e uma construção de seu conhecimento.

Com isso, segundo Merisse (1997), “A creche irá, então, aparecer como um serviço que é um direito da criança e da mulher, que oferece a possibilidade de opção por um atendimento complementar ao oferecido pela família, necessário e também desejável”. (MERISSE, 1997, p. 48, *apud* CRISTOFOLETI; DE CAMPOS, 2006, p. 69)

O presente trabalho de pesquisa foi motivado por uma experiência pessoal durante um período como auxiliar de sala, quando tive a oportunidade de acompanhar os processos de adaptação de algumas crianças. Nessa oportunidade, guiava-me pelo pressuposto de que cada criança é individual e realizei todo o trabalho focando nos interesses das crianças, valorizando a afetividade e trazendo segurança para que as crianças passassem por esse processo de adaptação de forma tranquila e positiva.

## **2. Um diálogo entre escola e família, professor e aluno**

A fase de adaptação na Educação Infantil requer muita atenção. Para melhor entender este processo, é necessário compreender que o período de adaptação não tem um tempo determinado para ocorrer, mas acontece de acordo com as necessidades do modo individual que cada criança traz consigo.

Com isso, o primeiro passo é acolher a criança, conhecê-la em seus hábitos, sua maneira única e individual. Para facilitar esse processo, é importante que o profissional converse com a família, sabendo um pouco mais sobre a criança: se tem alguma restrição, saber seu histórico de saúde etc. Nesse contexto, a instituição deve assumir um papel de suma importância: o de informar aos responsáveis pela criança sobre como funciona a instituição onde seu filho passará a maior parte do tempo, por meio de entrevistas com os pais e com a participação da educadora, para que ela possa obter informações sobre o desenvolvimento da criança que ficará aos seus cuidados.

As entrevistas feitas pelas instituições antes do ingresso dos bebês também são consideradas bons momentos para fornecer informações aos pais sobre como ocorrerá o processo de adaptação, sobre as reações possíveis por parte deles e das crianças e sobre como a creche espera contar com a ajuda dos familiares. Para os pais, é excelente momento de esclarecimento e dúvidas. É também recomendável que os pais tragam o bebê para visitar a creche antes do período de adaptação, a fim de mostrar para a criança o novo ambiente e começar o seu processo de adaptação. (RAPOPORT, 2005, p.13)

Vale ressaltar também que existem casos em que é mais difícil para os pais se separarem da criança do que para a criança se adaptar a um ambiente novo. Vejamos como explicam Rapoport e Piccinini (2001) sobre o período de adaptação de um bebê na creche, que varia de um caso para o outro, não sendo possível lhe impor um tempo determinado.

Deste modo, para avaliar a adaptação de um bebê ou de uma criança à creche, é importante considerar o tempo em que estão na creche. O processo de adaptação não se resume aos primeiros dias, mas pode durar meses. Faltas frequentes ou irregularidades nos horários de entrada e saída dificultam a adaptação, que tende a se estender por mais tempo. (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p.88).

Assim, a ansiedade nas crianças nos seus primeiros dias de adaptação no ingresso na vida escolar é algo normal. Logo nos primeiros dias na escola, é comum a criança apresentar reações como o choro, resistência à alimentação e sono, entre outras variações de humor que se manifestam no decorrer deste processo. De acordo com o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (MEC/SEF, 1998, p. 80):

Algumas crianças podem apresentar comportamentos diferentes daqueles que normalmente revelam em seu ambiente familiar, como alterações de apetite; retorno às fases anteriores do desenvolvimento (voltar a urinar ou evacuar na roupa, por exemplo). Podem, também, adoecer; isolar-se dos demais e criar dependência de um brinquedo, da chupeta ou de um paninho. As instituições de educação infantil devem ter flexibilidade diante dessas singularidades ajudando os pais e as crianças nestes momentos.

Segundo Davies e Brember (1991), “O ambiente desconhecido, as novas rotinas, a alimentação, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam-lhes uma significativa exigência social e emocional” (DAVIES; BREMBER, 1991 *apud* RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 86).

A estrutura familiar e o nível socioeconômico de certa maneira acabam interferindo nos resultados de uma adaptação, seja para uma boa adaptação, na qual os pais têm boas expectativas e veem a escola de forma positiva, ou até mesmo para uma adaptação mais difícil, em que se registra a ausência paterna e/ou o pouco apoio da mãe.

O papel dos pais nesse processo é de suma importância, pois a criança necessita do apoio e do ânimo deles para seguir na escola. Eles devem estar prontos, pois terão que se manter firmes, não deverão de forma alguma se arrepender e voltar atrás, retirando a criança da escola diante das primeiras inquietações, pois esta atitude resultará em danos à criança.

A adaptação é difícil não só para o bebê, mas também para a família e a educadora, pois implica reorganizações e transformações para todos. A forma como este processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas reações da criança. (RAPOPORT, 2005, p. 12-13 *apud* CRISTOFOLETI; DE CAMPOS, p. 73)

Para isso, como citado no início deste trabalho, a escola pode marcar reuniões com os pais, dando apoio, e no ato da matrícula também explicar para o responsável como é o funcionamento da escola deixando tudo o mais claro possível.

Um papel que deveria ser reconhecido e assumido pelas escolas é de compreender que a entrada da criança na escola é um momento importante para sua vida futura. Esse processo de entrada na vida escolar nem sempre é rápido e simples, por isso nesse período a criança precisa ser compreendida e bem acolhida pela escola e sua família.

Cabe à família se colocar à disposição não só da escola, mas também da criança, por exemplo, conversando com a criança sobre como a entrada dela em uma escola pode acrescentar na sua vida, conversar sobre como é bom ter novos amigos. Também para transmitir mais segurança para o filho, na hora de preparar seu lanche, pedir a ajuda da criança, combinar algo com ela depois da escola e assim cumprir. Tudo isso coopera para um bom desempenho na adaptação ao novo ambiente.

Quando o responsável pela criança passa a conhecer a rotina da escola, a família começa a adquirir confiança nas pessoas que cuidam de seus filhos.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades (PIAGET, 2007, p. 50)

Outro ponto importante é que a criança precisa ter rotina e horários, para que na escola cada dia vivido pela criança não seja totalmente novo, mas seja algo que a criança já saberá como funciona, onde existem algumas regras a serem cumpridas. Sobre isso, é importante destacar a responsabilidade da família em conhecer essa agenda de atividades da escola e colaborar na adaptação da criança a essa rotina.

A família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos. (FERNANDES, 2001, p. 42)

Com isso, é válido ressaltar que as pessoas que trabalham na escola como educadores ou educadoras devem se manter atualizados a respeito da educação e desenvolvimento infantil para cumprirem com seu papel. Para isso, é importante que o olhar do profissional não seja de discriminar nenhuma criança, mas de contar com a diferença de cada um.

Não podemos nos esquecer da infraestrutura da escola, que, por sua vez, precisa ser adequada para atender a essas crianças. É preciso apresentar à criança na fase de adaptação recursos como brinquedos, materiais pedagógicos diversificados etc., com metodologia adequada, para que os educadores sejam capazes de atingir seus objetivos educacionais.

Principalmente em escolas públicas, que atendem a população de baixa renda, é preciso ter um planejamento para uma boa acolhida. Mesmo com algumas dificuldades estruturais, sabemos que o profissional deve estar sempre disposto a dar seu melhor e estar sempre em busca de novos aprendizados, em constante processo de formação. Deve-se, portanto, compartilhar suas experiências, num ambiente de expressões de opiniões, sentimentos pelas crianças.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (MEC/SEF, 1998, p. 82):

Este período exige muita habilidade, por isso, o professor necessita de apoio e acompanhamento, especialmente do diretor e membros da equipe técnica uma vez que ele também está sofrendo um processo de adaptação. Os professores precisam ter claro qual é o papel da mãe (ou de quem estiver acompanhando a criança) em seus primeiros dias na instituição.

Neste processo de se adaptar, é importante que a criança crie afetividade em relação ao educador, conseguindo assim a segurança, para que depois possa ter mais facilidade ao desenvolver vínculos com outras pessoas e com o ambiente.

Para Negrine,

As interações entre educador e criança pequena devem se dar através da comunicação que privilegie o olhar. As interações olho no olho entre adultos e criança favorece a formação de vínculos positivos, desde que o adulto fale com calma, tranquilidade, cordialidade e sempre esboçando sorrisos. Sorrir para uma criança é uma forma de demonstrar serenidade, alegria e, ao mesmo tempo, de contagiá-la com suas expressões corporais, cujo foco deve ser sempre o rosto do adulto. (NEGRINE, 2010, p. 41 e 42, *apud* CRISTOFOLETI; DE CAMPOS 2016, p. 83).

O educador passa a ser também um observador, a fim de promover o desenvolvimento social das crianças, dialogar com elas, falando, por exemplo, da rotina da escola e das regras a serem cumpridas. Nesse momento, deve também apresentar às crianças as brincadeiras, a ludicidade em sua aula. Por isso, por meio das brincadeiras e de toda a ludicidade, o educador pode descobrir se a criança traz um comportamento agressivo, se ela é a mais quieta, suas resistências, ou até mesmo descobrir seus positivos comportamentos sociais de partilhar, agradecer, ajudar o outro etc. Com isso, o desenvolvimento é criado de forma que um indivíduo interage com o outro, demonstrando seus sentimentos, valorizando a identidade de cada criança, de modo de promover o desenvolvimento psicossocial da criança.

Explorar os ambientes também é fundamental. A apresentação do ambiente deve ser feita de forma delicada: o educador não pode de forma alguma demonstrar ansiedade, agonia diante da criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (MEC/SEF, 1998 p. 31):

Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima.

Enfim, o professor é o principal mediador e deve procurar atender às expectativas dos pais, ganhar a confiança das crianças e de seus familiares. Com isso, a criança, ao estabelecer um vínculo com o outro, enxerga no docente a segurança.

Portanto, vamos analisar no próximo tópico os fatores que influenciam e se relacionam durante o processo de adaptação das crianças as escolas.

### **3. Processo de Adaptação: uma reação diferenciada**

Existem várias reações que a criança apresenta durante o período de adaptação, como, por exemplo, gritos, mal humor, agressividade e choro. Os primeiros dias de aula, sem dúvida alguma, acabam criando mais ansiedade nos pais e educadores. Por isso, quando não há uma interpretação adequada dessas reações, quando falta um trabalho orientado da parte dos profissionais, pensa-se que o choro é algo normal, achando que toda criança chora, acreditando que esse choro seja reflexo do desejo da criança de ir embora porque não gosta da escola. Ao contrário, pode ser um choro por estar em um lugar diferente e querer o tempo todo a mãe, sem saber que existem outras pessoas que não irão substituir sua mãe, mas abrir um mundo de conhecimentos diferentes.

Todavia, importa refletir sobre as dificuldades que a criança manifesta, em seus relacionamentos e comportamentos diante do outro, já que a infância é o primeiro passo para o desenvolvimento de suas competências, quando suas habilidades sociais começam a ser moldadas. Para isso, é de suma importância o papel do professor observador, que passa a analisar todo e qualquer tipo de comportamento da criança, seja ele positivo ou não.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (MEC/SEF, 1998 p. 80), “No primeiro dia da criança na instituição, a atenção do professor deve estar voltada para ela de maneira especial. Este dia deve ser muito bem planejado para que a criança possa ser bem acolhida.”

O apego aos comportamentos na hora da separação é como se a criança estivesse regredindo e não progredindo, o que na verdade é apenas uma fase de adaptação com outras pessoas num ambiente novo.

O choro, para a criança, no momento em que os pais vão buscá-la na escola, pode ser interpretado como um desabafo ao encontrar a pessoa com quem se pode relaxar, que assume todo o controle da situação.

Trabalhar com bebês é difícil e complexo. É necessário, para isso, muito mais do que simplesmente gostar de crianças. Significa ficar durante uma jornada inteira de trabalho (que varia, em média, de seis a doze horas) cuidando de bebês, tanto em termos de suas necessidades básicas, como desenvolvendo propostas pedagógicas. Além disso, é preciso paciência para situações corriqueiras que ocorram com bebês e crianças pequenas, como o choro, a birra e outras reações estabelecendo limites e demonstrando atenção e carinho. E tais exigências são ainda maiores durante o período de adaptação, quando os bebês estão mais sensíveis e vulneráveis. (RAPOPORT, 2005, p. 20 *apud* CRISTOFOLETI; DE CAMPOS, 2016, p. 75)

Contudo, nenhuma adaptação é igual a outra, nem mesmo há um tempo certo para se adaptar. O mais importante é a escola assegurar que a família e a criança se sintam bem recebidas.

#### **4. Considerações finais**

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como deve ser feito o processo de adaptação da criança, principalmente de seus primeiros dias na instituição, para assim se obter melhores de resultados. Assim, conclui-se que para uma boa adaptação, sem dificuldades para todos os envolvidos, é preciso garantir uma boa acolhida do profissional, que passa um maior tempo com essa criança, trabalhando de forma lúdica, o que permite

motivar sua aprendizagem, mostrando todo o espaço da escola, ressaltando que precisa haver regras, para que juntos possam vivenciar um processo de aprendizado.

Entende-se também que o papel da família, sua estrutura, é importante para garantir um resultado positivo na adaptação, mas, para isso, a família precisa receber de forma positiva as reações da criança. Uma dessas manifestações é o choro. Por isso, é um momento ideal para que a todos percebam que o choro faz parte de uma boa adaptação, com um tempo indeterminado e com a peculiaridade de cada criança. O mais importante é que a escola e toda sua equipe de funcionários, juntamente com a família, precisam trabalhar juntos para se chegar a resultados favoráveis para o crescimento social, afetivo e cognitivo da criança.

### **Referências bibliográficas**

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, v. 134, n. 248, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. V.2. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CRISTOFOLETI, Rita de Cassia; DE CAMPOS, Priscila. **O processo de adaptação da criança na creche: seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor**. Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino, n. 1, 2016.

FERNANDES, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

NEGRINE, Airton da Silva; NEGRINE, Cristiane Soster. **Educação infantil: pensando, refletindo, propondo**. Caxias do Sul- RS: Educus, 2010 *apud* Rita de CRISTOFOLETI; Priscila de Campos, 2016).

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche; a importância da atenção de pais e educadoras**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, A. Cesar. **Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche**. Vol. 17. Rio Grande do Sul, 2001.

\_\_\_\_\_. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas a creche: Alguns aspectos Críticos. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 14, n. 1, p. 81- 95. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_ et al. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: Alguns aspectos Críticos**. Universidade Federal, Rio Grande do Sul, 2001.